

ADORNO, Theodor W. *Kierkegaard*. Tradução de Álvaro L. M. Valls. São Paulo: Editora Unesp, 2010, 379p. ISBN 978-85-393-0068-6

Chega ao público leitor brasileiro, de Theodor Adorno (1903-1969) e de Søren Kierkegaard (1813-1855) um importante livro traduzido diretamente do alemão em que o primeiro analisa o segundo. Duplamente importante porque apresenta a formação em germe do pensamento de Adorno, mas também, sobretudo, porque oferece à filosofia kierkegaardiana uma interpretação bastante contundente.

Inicialmente às voltas com o pensamento de Edmund Husserl, Adorno escreveu sua tese de doutorado sobre questões gnosiológicas, sob a orientação do filósofo neokantiano Hans Cornelius. Voltando-se posteriormente para a análise do pensamento de Kierkegaard, escreveu sua tese de habilitação, desta vez sob a orientação do teólogo socialista Paul Tillich.

Neste livro denso e com parágrafos longos, Adorno defende a tese, segundo a qual, há na constituição da interioridade, conforme Kierkegaard a concebe ao longo de sua obra, “uma interioridade sem objeto”, ao mesmo tempo, que há implícita e explicitamente um hegelianismo inerente à sua filosofia transposto, evidentemente, da objetividade para a subjetividade.

A tese de habilitação na sua terceira edição, de 1966, precedida pela de 1933 e pela de 1962, intitulada: *Kierkegaard: construção do*

estético se presta a essa defesa. Os dois ensaios intitulados respectivamente: *A doutrina kierkegaardiana do amor*, de 1940, e *Kierkegaard outra vez*, de 1963, ambos anexados nesta edição, também, a defendem. Deste modo, a compreensão de Adorno acerca da filosofia kierkegaardiana é invariavelmente a mesma ao longo de toda a sua vida, de modo que, ao tematizá-la, ele ambiciona dar a ela uma interpretação de conjunto.

Assim o livro está estruturalmente arranjado: abrem-no duas páginas de introdução à coleção da série de traduções promovida pela Editora da Unesp das principais obras de Adorno – a qual o presente livro integra –; nas quatro páginas que se seguem Álvaro Valls faz a apresentação à tradução brasileira; segue-se a partir de então a estruturação própria do livro.

A tese de habilitação está disposta em sete partes, as quais contêm inúmeros subtítulos. Seus títulos principais são: I. Exposição do estético, II. Constituição da interioridade, III. Explicação da interioridade, IV. Conceito do existir, V. A lógica das “esferas”, VI. Razão e sacrifício e, por fim, VII. Construção do estético. Da primeira à sétima parte, o A. sugere a interpretação de que a obra de Kierkegaard em toda sua dimensão se constitui como obra estética, inclusive quando está no plano religioso. Nisto consiste a construção do estético, já que por estético ele entende a constituição da subjetividade, cujo cume é alçando na esfera religiosa.

Em seguida, o volume traz o primeiro anexo sob o título de *A doutrina kierkegaardiana do amor*. E, finalmente, em uma retomada da obra do dinamarquês, o segundo anexo intitulado *Kierkegaard outra vez*, analisa a sua estrutura de conjunto. Após essa estruturação seguem respectivamente uma *Nota (de Adorno, de 1966)*, uma *Nota final dos editores alemães*, um *Apêndice da edição brasileira* que apresenta a tabela das obras de Kierkegaard e um *Índice onomástico*.

O leitor não familiarizado com a dialética do dinamarquês ou que somente o conhece através de compêndios e/ou manuais de filosofia se espantaria com as teses incomuns a respeito de Kierkegaard que o A. apresenta aqui. Mas a verdade é que as teses apresentadas por ele são inteiramente defensáveis. O que não implica dizer, todavia, que são corretas, embora haja alguma centelha de verdade nelas.

De fato, o A. aponta para a ideia de que ao se voltar contra Hegel e/ou o Idealismo, Kierkegaard permanece hegeliano e/ou idealista. Segundo o A., Hegel foi virado para dentro, ou seja, o que para ele é a história universal, para Kierkegaard é o ser humano individual. Ressalta, porém, que em Kierkegaard a interioridade permanece no momento abstrato, ou seja, na "consciência infeliz" hegeliana, abandonando, desta forma, a pretensão de verdade almejada pela filosofia, isto é, a interpretação da realidade.

Aqui a interpretação do A. é insuficiente, pois também em Kierkegaard a interioridade se desloca para a objetividade para retornar-se sobre si mesma num momento mais elevado. Talvez faltasse ao A. aquilo que ele mesmo assinalou na nota acrescida à edição de 1966, a saber, repensar muitos pontos do filósofo dinamarquês da atual posição em que se encontrava. Assim constataria que Kierkegaard em *Temor e Tremor* não defende imoralidade e irracionalidade sociais, já que o movimento em virtude do absurdo (*i Kraft af det Absurde*) consiste em recuperar o finito, isto é, a ética.

Alan Ricardo Pereira
Mestrando em filosofia/FAJE